



» Entrevista | **VERA LÚCIA** | CANDIDATA DO PSTU À PRESIDÊNCIA

“Temos de denunciar falta de democracia na eleição”

Reprodução/YouTube



Quais propostas a sua candidatura traz em relação à população negra?

A minha chapa é negra e indígena, porque a minha vice é indígena e também é da classe trabalhadora, ela é pedagoga. Na pauta central de uma candidatura como a nossa, que expressa os setores mais oprimidos e explorados da sociedade, a carência é, principalmente, das condições de vida. Para resolver o problema da fome, que assola centralmente as mulheres negras, os negros e, em conjunto, os indígenas, isso tem a ver com o desemprego, que é galopante no país. Então, a primeira coisa é garantir um salário mínimo para todos os desempregados, todos, e dobrar, também, o salário mínimo. De onde viria esse dinheiro? A gente vai utilizar o dinheiro que hoje o governo sempre destina para o pagamento de juros e amortização da dívida pública, que vai para cinco bancos, e dar para ele um novo destino.

Que outros projetos pretende implantar?

Para resolver o problema da fome de forma permanente é preciso a estatização das 100 maiores empresas do país. Dentro delas estão os bancos e também o agronegócio. Com essas empresas estatizadas, desde as terras, as indústrias de alimentos e setores de distribuição de alimentos, cuja maioria está nas mãos de multinacionais, serão estatizados sob o comando dos trabalhadores que já trabalham nesses setores. E, com a população, planejar desde o cultivo até a distribuição de alimentos no país inteiro. Toda a produção vai ser voltada a atender todas as necessidades de alimentação do povo brasileiro. E só se exporta daqui o excedente quando não faltar nada, absolutamente nada, na mesa



A mulher negra é maioria em todos os índices de desgraça. É a maioria que passa fome, que mora nos piores lugares, que é vítima de violência"

de ninguém. E priorizando os países da América Latina e do Caribe. Os bancos terão suas operações controladas, porque nós queremos estatizar e colocar sob o comando dos bancários. De posse dessas operações, pegar os recursos que forem necessários para um plano de obras públicas que, ao mesmo tempo, atenda as necessidades da classe trabalhadora.

O programa de governo contempla quais outros setores?

Nós temos um problema grave de habitação no país, e saneamento básico para todos que precisam.

O deficit é mais de seis milhões de habitações. (Criaremos) Creches, lavanderias públicas para tirar as mulheres das tarefas domésticas, restaurantes públicos também. Daí você liberta as mulheres dessa tarefa contínua de cuidar da casa para ter mais tempo. Além disso, mais hospitais, escolas, laboratórios, indústria farmacêutica, todo o parque industrial que nós precisamos para o desenvolvimento de tecnologia, para estudo, pesquisa.

É um projeto ambicioso.

É um plano arrojado. Ao mesmo tempo que supre às necessidades

de quem vive aqui neste país, resolve o desemprego. A nossa meta é chegar ao pleno emprego. Além disso, reduzir a jornada de trabalho para seis horas diárias. Com isso, você abre muitas vagas no mercado. É um plano que atende as necessidades, principalmente, da população negra e das mulheres negras, que são as mais afetadas com o desemprego, com o arrocho dos salários, os achatamentos salariais e, também, as piores condições de vida, que são a fome e os problemas de moradia. Essas coisas básicas serão solucionadas e,

também, investiremos em educação e saúde pública. Com isso, uma campanha permanente de reeducação da sociedade, a luta implacável contra o machismo, incentivar a reação contra o machismo, o racismo, a LGBTfobia, a xenofobia. Estabelecer que as diferenças existentes na sociedade, entre seres humanos, sejam tratadas apenas como diferenças e não como desigualdades, como é hoje no sistema capitalista e que no governo Bolsonaro foram amplamente impulsivadas. Além disso, assegurar que toda decisão seja tomada coletivamente, por meio de conselhos populares.

Como avalia a sua participação nesta disputa presidencial?

Primeiro, que os dois negros candidatos disputando as eleições estão ausentes dos debates. A nossa candidatura é de duas mulheres que vêm dos setores mais empobrecidos da classe trabalhadora brasileira, que expressam uma realidade que é comum à imensa população brasileira, mas está ausente, por exemplo, de toda a grade da programação eleitoral. Está ausente dos debates, das sabatinas. E isso impede que esse debate seja colocado na ordem do dia. Mesmo a questão da mulher está sendo colocada sob a ótica de duas mulheres brancas, burguesas, porque são duas mulheres ricas, que vieram dos setores mais conservadores do ponto de vista das relações humanas, mas também representam setores muito mais reacionários, como o próprio agro-negócio. Nos debates não está colocada, por exemplo, a questão da mulher pobre, da classe trabalhadora, em que o machismo e o racismo se apresentam de uma forma distinta da forma como se

apresenta para mulheres brancas e ricas. A mulher negra é maioria em todos os índices de desgraça neste país. É a maioria que passa fome, é a maioria desempregada, que recebe os piores salários, que mora nos piores lugares, que é vítima de violência.

Por que o tema racismo não entra na pauta?

Porque são todos brancos. Eses setores não refletem a realidade que é a nossa. Consequentemente, os programas desses candidatos não respondem às necessidades dos negros e negras, e nem das mulheres da classe trabalhadora. Por conta disso, precisamos, para além de agora nas eleições, denunciar a falta de democracia nas eleições. Tanto por parte da legislação eleitoral quanto pelos meios de comunicação, que fazem coro com essa legislação. Nenhum veículo de comunicação está proibido de chamar todos os candidatos para fazer os debates políticos, fazer as sabatinas. Mas eles optam por isso.

De que forma analisa o aumento do número de candidaturas negras?

Esse aumento eu diria que é resultado de uma luta que tem sido travada pelos próprios movimentos negros, assim como pelos movimentos de mulheres, da luta contra o racismo, assim como é a luta contra o machismo e contra a LGBTfobia. Mesmo isso não está refletido nos principais debates do país. Só tem 12 (10) candidatos, e não aparecem. As pessoas não veem, e isso dificulta muito, por exemplo, que as pessoas conheçam a gente, conheçam o programa que a gente tem para solucionar problemas que são nossos.

» Entrevista | **LÉO PÉRICLES** | CANDIDATO DA UP À PRESIDÊNCIA

“É necessário acertar contas com o passado”

Willian Dias

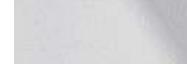


Quais propostas a sua candidatura traz em relação à população negra?

Primeiro, ela é uma candidatura antirracista. Tem 92 anos que o último homem negro, de esquerda, trabalhador, de periferia foi candidato a presidente. O último foi em 1930, Minervino Oliveira, pelo Bloco Operário e Campônio (BOC). É a primeira vez na história que tem uma chapa 100% negra. A nossa vice é Samara (Martins), companheira lá do Rio Grande do Norte. E é uma chapa que levanta bandeiras importantíssimas do ponto de vista da reparação ao povo negro.

Quais são as reparações?

Na nossa opinião, as cotas devem ser mantidas, e elas são um processo de transição até que se garanta o livre acesso de todo o povo à universidade pública, que é uma das defesas que nós fazemos. Dentro dessas políticas de reparação está, também, a questão da terra, ou seja, a reforma agrária e a reforma urbana. Duas grandes reformas estruturais, que atendem a toda a população, mas se você focar na população negra, que é a maioria, você vai beneficiar todo mundo. Nós tivemos uma lei de terras de 1850, que nunca foi revisada. Ela impediu o povo negro de ter terras. E de lá para cá, tivemos um desastre em relação ao povo negro, que é relegado a morar nos guetos, que sofrem maior processo de expulsão, que são a maior parte da população em situação de rua, que são a maior parte da população que sofreu o êxodo rural, que foram expulsos do campo, que sofrem a violência dos latifundiários e do agro-negócio. Enfim, nós precisamos mexer nessa estrutura. Além do que, sem uma profunda reforma



Estamos em um país que ainda tem estátuas que homenageiam escravocratas e assassinos de indígenas e de negros"

agrária, a gente não pode eliminar a fome no país.

Há outras bandeiras?

(Defendemos) o direito à memória, verdade e justiça, que seria a punição dos assassinos e torturadores e a reparação do ponto de vista de contar a história desde a escravidão aos dias atuais. Nós estamos em um país que ainda tem estátuas que homenageiam escravocratas e assassinos de indígenas e de negros. Nós temos um país que passou por duas ditaduras militares no século 20, em especial a ditadura militar, em que não houve a punição de

nenhum dos agentes que praticaram tortura, assassinato, ocultação de cadáver, inclusive tortura de crianças. Esse Brilhante Ustra que o (Jair) Bolsonaro gosta de elogiar era do setor mais duro da ditadura, que foi extremamente fascista e assassino, inclusive torturou até crianças. Então, é necessário fazer a justiça de transição. O único país da América do Sul que não fez isso é o Brasil. O resultado é ter um pró-torturador presidente da República, os generais tramando golpe.

Como avalia o debate sobre os direitos da população negra

nesta disputa presidencial?

Esse ponto passa muito em passant pelas candidaturas, de forma extremamente secundária, até porque mexer nesse problema significa enfrentar setores que mandam e desmandam no Brasil, que impuseram um modo de operar, que são as chacinas, as polícias extremamente militarizadas, que inclui uma grande violência contra o povo pobre, sobretudo nas periferias. É uma forma de operar, inclusive, que é até semelhante a um estado de exceção, porque é um tipo de ação que o Estado democrático de direito pouco chegou a essas

regiões. Então, imperam posturas ditatoriais, são entulhos do período da ditadura que permanecem. Mexer nessas estruturas significa mexer no modo de operar de 522 anos, digamos assim, no Brasil. É necessário acertar contas com o passado, porque, se a gente não fizer isso, o Brasil fica inconcluso, e o resultado é este país dependente que a gente vive. Nossa candidatura se orgulha de levar a bandeira de que o povo que hoje é explorado precisa mandar no Brasil como nunca mandou.

De que forma é possível acertar essas contas?

Nós fizemos 200 anos da Independência, mas uma que não atendeu a maioria. A maioria do povo já era negra. Houve a Independência, e só 66 anos depois houve a abolição. Formal, porque foi uma abolição da escravidão sem direitos. Nós estamos falando de um programa que volte o país para o seu próprio povo. Falei da fome, estou falando do emprego, estou falando da indústria, falando da ciência e tecnologia. Precisamos voltar o Brasil para o povo brasileiro, e para isso é preciso ter uma ruptura com esses que mandam há 522 anos.

Que análise faz das declarações de Bolsonaro sobre urnas eletrônicas?

Entendemos que a prioridade é central agora, para que as eleições tenham garantia, é mobilizar o povo para ocupar as ruas do Brasil. O problema que nós consideramos não é a urna eletrônica, como diz Bolsonaro, é o alto-comando das Forças Armadas. Nós, inclusive, entendemos que as urnas eletrônicas são muito boas, e elas não têm de ser usadas só de dois em dois anos. Um mecanismo que permite que você tenha

o resultado em três horas, com 157 milhões de pessoas votando, na nossa opinião tem de ser um instrumento usado para ampliar a democracia, para as pessoas poderem decidir não só votar de dois em dois anos nos candidatos, mas decidir todo o Orçamento, por meio de plebiscitos, e revogar leis que foram aprovadas contra a maioria do povo, a exemplo dos referendos revogatórios.

Quais leis revogaria?

A reforma trabalhista foi uma das maiores enganações da nossa história, porque disseram que ia gerar emprego, e o resultado foi desemprego e precarização. Diria, ainda, a Emenda Constitucional 95, que congelou o investimento em saúde e educação por 20 anos. Quem perde com isso somos nós, trabalhadores e trabalhadoras que usam o SUS, e a educação pública. É preciso revogar essas medidas. Quem mantém isso é uma minoria do Centrão, esses partidos neoliberais, de direita, contra o povo, e os patrões desses partidos são os banqueiros, os muito ricos deste Brasil.

Como define sua candidatura?

Nossa candidatura é anticapitalista. Entendemos que é preciso superar esse sistema. O capitalismo trouxe fome e miséria, é um sistema que opera de forma permanente em cima da desigualdade, da supereexploração, e isso não traz nada de bom para o povo. Nós temos que superar esse sistema, sabendo que no processo eleitoral não é esse o objetivo central, mas entendemos que a nossa participação é no sentido de enfraquecer o capitalismo no Brasil e fortalecer as ideias socialistas que precisam ser majoritárias.